

Pensamos na criança como ser humano que tem direito à arte?

Ananda Luz¹

“Para as pessoas compreenderem que a arte é um direito! A arte é um direito de consciência.”

(Denise Fraga)

Inicio este texto com Denise Fraga para pensarmos na arte como um direito e, assim sendo, todas as pessoas devem ter acesso à arte em sua integralidade. Podemos afirmar que a arte é [ou pelo menos deveria ser] um direito humano inalienável. E de muitas formas, tenho certeza que ao ler este texto esteja matutando sobre a obviedade dessa afirmação, mas quero convidar para as reflexões: quando realizamos uma ação de arte, pensamos que as pessoas que visitarão podem estar na fase da vida que é a infância? Nós pensamos nas crianças? Ao realizarmos festivais, exposições, mostras ou quaisquer atividades artísticas, projetamos as crianças como público? Ou só fazemos isso quando as atividades são direcionadas a elas? Fazemos escuta das crianças para construção ou avaliação dessas atividades? Pensamos na criança como ser humano que tem direito à arte?

Essas questões convocam a reflexionar o quanto importante é reconhecer a criança como ser completo, e carrega em si suas especificidades. Portanto, exige que os criadores, educadores e produtores de arte idealizem, também, as crianças nos seus fazeres, deslocando o olhar somente do público adulto. É preciso compreender que as experiências estéticas com as crianças não podem ser secundarizadas, não podem ser pautadas no vir a ser ou estar nas bordas, no acaso e sim que tenham possibilidades de dialogar com as ambiguidades e as metáforas propostas pela ação artística. As crianças precisam acessar as

¹ Educadora, pesquisadora e curadora com atuação em infâncias, literaturas, educação e relações étnico-raciais. Pedagoga e mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais, coordena coletivamente as pós-graduações O Livro Para Infância e Educação e Relações Étnico-Raciais n'A Casa Tombada-SP. Curadora de exposições e projetos literários, como Karingana – presenças negras no livro para as infâncias, Bamberê – entre livros e infâncias e Odú: Arte e Territorialidade, participou de premiações e júris, incluindo os 30 Melhores Livros do Ano da Revista Crescer. É autora e escribe de livros infantis e atua na produção de podcasts como Livros e Infâncias e Coreto Sonoro.

complexidades estéticas a partir das múltiplas percepções que as linguagens artísticas estão oferecendo.

E o desafio de elaborar ações artísticas que possam garantir um envolvimento das crianças ultrapassa o adaptar conteúdos, exige perceber a criança como sujeito de direito à uma experiência significativa, pois são produtores de sentido nos espaços que vivenciam. Outro entendimento importante é que para refletir as crianças como público é indispensável a sua escuta efetiva; “escuta integral, escuta que possam perceber a palavra que salta o corpo, a voz, o olhar, o silêncio, nas muitas linguagens que a criança tem” (FERREIRA et al, 2023). Ao escutarmos as muitas linguagens das crianças, que, como o educador Loris Malaguzzi (2020) afirma, são cem; transcendemos a adaptação e a interpretação simplória para proporcionar às crianças espaços explorativos, comunicativos e ilimitados. Ainda porque “a arte é um campo extenso de experiências humanas” (DERDYK, 2025), por isso a escuta atenta e sensível para o que as crianças expressam é essencial no planejamento de qualquer atividade ou evento artístico, devemos evocar o ato de escutar livre do adultocentrismo (FRIEDMAN, 2020) que limita as reflexões e tomadas de decisões sobre e para a criança a partir da ótica do adulto.

Na experiência com a exposição “*Karingana – presenças negras nos livros para as infâncias*”, que aconteceu no Sesc Bom Retiro e hoje se encontra em itinerância no Sesc Piracicaba, pensar o corpo-território (MIRANDA, 2020) da criança foi inegociável. Sabíamos, como equipe, que seria uma exposição que atrairia educadores, pesquisadores, editoras e demais interessados nos livros para as infâncias, pois trazia rupturas com a história única ao convocar o público a acessar narrativas imagéticas que o racismo estrutural da nossa sociedade ignorou e/ou desqualificou e o mercado editorial replicou. Porém, também e principalmente, foi uma exposição para as crianças, então, a ludicidade fez diálogo com todas as infâncias – até as dos adultos. Ao materializarmos a exposição e decidirmos quais seriam as instalações, consideramos os ritmos das crianças no prazer de experimentar. Os quadros, ao serem expostos, foram colocados em uma altura que todas as crianças pudessem ver sem a “ajuda” do adulto e os textos da exposição foram elaborados para que qualquer pessoa pudesse ler ou escutar sem dificuldade de compreensão. O catálogo foi feito para construir memórias da exposição e, como ouvi tantas vezes da Heloísa

Pires Lima, que escreveu o texto-história do catálogo, para as crianças levarem consigo a exposição. E mesmo contendo textos para pessoas adultas, não esquecemos de construir uma escrita acessível para todas as pessoas. O catálogo carrega textos que podem ser lidos em voz alta para as crianças também.

Assim, esta breve conversa tem o desejo profundo de convidar para construirmos exposições, eventos, mostras e diversas atividades artísticas promotoras de horizontalidades e significados para as crianças. Nós, adultos, temos a responsabilidade de garantir aos seres de pouca idade o direito à relação com as linguagens artísticas, que são territórios de expressão de pensamento, emoção, curiosidade, narrativas... expansão da vida.

Referências:

- DERDYK, Edith. *Composições: [en]cantos para a Arte na Educação*. São Paulo: Diálogos, 2025.
- FRAGA, Denise. *Vídeo no perfil oficial da artista no Instagram*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DNOtxnbuZcT/>. Acesso em 13ago2024.
- FERREIRA, A. da L.; CHIARA, A. R. S. A.; MARTINS, H. T. Epistemologias miúdas: acessando conhecimentos produzidos por crianças. *Travessias*, Cascavel, v. 17, n. 2, p. e31411, 2023. DOI: 10.48075/rt.v17. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/31411>. Acesso em: 13ago2025.
- FRIEDMANN, Adriana. *A vez e a voz das crianças: escuta antropológicas e poéticas das infâncias*. 1. ed. São Paulo: Panda Books, 2020.
- LUZ, Ananda e LIMA, Heloisa Pires (orgs.) *Karingana – presenças negras no livro para as infâncias*. Sesc Bom Retiro. Catálogo da exposição jun2023 a mar2024. São Paulo.
- MALAGUZZI, Loris. *Ao contrário, as cem existem*. In: HOYUELOS, Alfredo. A estética no pensamento e na obra pedagógica de Loris Malaguzzi. 1. ed. São Paulo: Fhorte, 2020.

MIRANDA, Eduardo Oliveria. *Corpo-território & educação decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção de docência*. Salvador-BA: Edufba, 2020.